

Gado na mata: territorialidade, cultura e ruralidade

Cattle in the woods: territoriality, culture and rurality

Cinthy Valéria Nunes Motta Kós

E-mail: cinthyakoss.antro@gmail.com

Bacharel em Ciências Sociais - UFPI e Bacharel em Turismo -UESPI. Mestre em Antropologia pelo PPGANT-UFPI e doutora em Estado e Sociedade pelo PPGES-UFSB.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descobrir o papel da pecuária extensiva na constituição e manutenção do povoado Matas, localizado no cerrado piauiense, elucidando as dinâmicas e as estratégias de reprodução de um modo de vida rural em um contexto geográfico de expansão do agronegócio, e, investigando como tal qual quadro tem afetado o acesso e a percepção dos recursos territoriais. Para atingir tal propósito, tomaremos como embasamento teórico os estudos de autores brasileiros sobre ruralidades e novas ruralidades, como, Carneiro 1998, e Abramovay, 2000, e para tratar sobre territorialidade traremos os estudos de Little 2004. O estudo foi fundamentado em pesquisa de cunho etnográfico, no qual foi possível notar que, além de marcar os primórdios do povoado (formado por vaqueiros), a pecuária tem garantido a reprodução social e econômica do mesmo, diante da evasão de mão de obra.

Palavras-chave: pecuária extensiva; ruralidades; cerrado; comunidades tradicionais; territorialidades

ABSTRACT

This work aims to discover the role of rural life in a context and extension of the Piauí village, located in the Piauí Cerrado, and as strategies for exploring a rural way of life in a specific context of rural life, and, investigating as such as the resources have access to and perception of territories as a resource. To achieve new goals as a basis for theoretical studies, the studies of Brazilian authors on ruralities and ruralities (Carneiro 1998, and Abramovay, 2000) and to deal with territoriality we will bring from Little 2004. The study was based on ethnographic research, in which was to note that in addition to marking the beginnings of the village (formed by cowboys), livestock has a guarantee of social and economic reproduction of the same, in the face of the evasion of labor.

Key words: extensive livestock; ruralities; cerrado; traditional communities; territorialities

Introdução

O território Matas compõe a área geográfica do município de Santa Filomena, no sudoeste piauiense, inserindo-se no bioma do cerrado e fazendo parte da microrregião do Alto Parnaíba Piauiense. O território possui uma extensão total avantajada quando comparada a territórios de comunidades tradicionais do entorno, totalizando de 24.443,17 ha, com várias vias de acesso. Este mesmo território possui três grandes divisões por datas

agrárias, unidade de medida que remete ao período colonial, mas ainda muito utilizada entre os povos tradicionais no Sul do Piauí. Estas divisões têm as seguintes toponímias: Matas, Cachoeira e Aldeia. Cada uma tem especificidades que as caracterizam, independente e interdependente ao mesmo tempo. Uma explica a formação e mudanças socioambientais da outra.

Grande parcela do território encontra-se circundada por uma cadeia de serras, resultando em uma formação de vale, a qual recebe a terminologia local de “baixão”.

Neste estudo, concentraremos nossa análise no núcleo de povoamento que compreende a data Matas, devido ao maior tempo de campo passado aí e também à sua densidade populacional, sendo o número estimado de habitantes de aproximadamente 600 pessoas e 150 famílias, com 155 casas com habitação permanente. Outro motivo para tal recorte, são as características socioculturais e a organização espacial para manutenção de um modo de vida rural. É preciso sublinhar que existe o território Matas e o povoado Matas, o segundo está contido dentro do primeiro, e ambos englobam uma heterogeneidade de situações.

Na data Matas há uma subdivisão entre Matas Nova e Matas Velhas. A primeira é mais populosa e possui infra-estrutura urbana. Na Matas Velha as habitações são mais dispersas e atualmente tem a maior concentração de roça, ou, fazendas. Grande parte das pessoas que vivem hoje na Matas Nova, viviam até uma década atrás na Matas Velha. Guardado as divisões, as relações de parentesco e outras formas de interações (por lazer ou por trabalho) dão coesão ao território (relatório 2021).

Diante do contexto brevemente apresentado, interessa neste trabalho saber qual o papel da pecuária na constituição da territorialidade do povoado Matas. No mesmo sentido, interessa elucidar sobre as dinâmicas e as estratégias de reprodução de um modo de vida rural em um contexto geográfico de expansão do agronegócio e como isto tem afetado também o acesso aos recursos naturais e até mesmo a percepção territorial.

Para atingir tal propósito tomaremos como embasamento teórico, os estudos de autores brasileiros sobre ruralidades e novas ruralidades, como Carneiro 1998 e Abramovay 2000. Para tratar sobre territorialidade traremos os estudos de Paul Little (2004). Os trabalhos de Cavalcante 2003, Waddington 2001, 2013; e Rufo & Sobrinho 2015, nos guiarão explicações sobre a expansão do agronegócio no cerrado piauiense.

A elaboração deste trabalho foi viabilizada devido a uma série de inferências captadas no transcorrer de uma pesquisa de campo de cunho etnográfico com vivências de aproximadamente 45 dias ao longo de nove meses entre os anos de 2020 e 2021. Neste

período houve o acompanhamento e participação em atividades cotidianas e extra cotidianas; aplicação de entrevistas semi estruturadas; levantamento de genograma comunitário a partir da montagem da árvore genealógica dos troncos e ramos parentais. Foram realizadas reuniões concentradas com finalidades diagnósticas e para comunicações sobre minha presença e o trabalho que estava realizando e para saber também do aceite da comunidade¹.

No total, foram conduzidas 27 entrevistas. O procedimento foi realizado de modo semi-estruturado e com longa duração. As entrevistas foram feitas ao longo de dois anos.

Neste trabalho traremos transcrições de trechos de entrevistas de apenas de quatro colaboradores: João Nilo, Luiz do Ouro, Luiz Vaqueiro e Gildásio Labareda. A seleção se justifica pelo recorte temático deste artigo, o qual é contemplado pela fala das pessoas citada.

Após a contextualização e apresentação dos elementos em consonância com os objetivos delineados neste estudo, procederemos a uma análise do processo de formação do povoado Matas, explorando aspectos da territorialidade e ruralidade e suas características vinculadas ao bioma e os processos históricos e culturais, mostrando como confluem em uma identidade cultural e modos de produção específico. Em seguida será dado destaque a pecuária tradicional, mostrando sua presença no cotidiano, na memória e nas narrativas dos moradores do povoado. Por fim, abordaremos as mudanças e continuidades no modo de vida e na organização do trabalho na comunidade, principalmente em decorrência da introdução da agricultura industrial nas áreas circundantes.

Povos dos Gerais e a pecuária extensiva

Os processos históricos e socioculturais, em suas diversas escalas, naturezas e trajetórias, possuem influências que pesam nas configurações ecológicas e simbólicas dos agrupamentos humanos. Mais do que causa e efeito, esses elementos se retroalimentam, influenciando-se mutuamente.

¹ A pesquisa de campo foi possível devido ao serviço de consultoria antropológica prestado ao Instituto de Terras do Piauí (INTERPI) através do Projeto Piauí – Pilares do Desenvolvimento e Inclusão Social, financiado pelo Banco Mundial. O produto final da pesquisa foi o Relatório do Estudo Antropológico de Identificação Territorial e de Caracterização Socioeconômica da Comunidade Tradicional de Matas. O objetivo central do trabalho é dar embasamento para o processo de regularização fundiária do território Matas, assim como de outros territórios tradicionais do cerrado piauiense.

Para a análise das realidades e dinâmicas sociais envolvidas no caso aqui abordado tomaremos como guia alguns conceitos com potencial explicativo. O primeiro é o conceito de ruralidade, utilizado por sociólogos, antropólogos, economistas e geógrafos para tratar dos múltiplos fenômenos que envolvem o rural. A ideia de ruralidade para muitos autores, atua juntamente com conceitos como territorialidade, identidades e representações sociais.

Para Ricardo Abramovay (2000) “ruralidade é um conceito de natureza territorial e não setorial”. O autor analisa as formas como o rural e as ruralidades foram definidas, apontando algumas limitações e propondo modelos mais aplicáveis ao caso brasileiro. Três aspectos básicos sobre o meio rural, são apontados e discutidos pelo autor: a relação com a natureza, a importância das áreas não densamente povoadas e a dependência do sistema urbano. A indicação é que estes aspectos não sejam tratados de forma estática.

Da mesma forma, Maria José Carneiro (1997), em texto em que analisa novas identidades associadas à ruralidade, propõe o abandono das ideias de dicotomia ou *continuum* entre rural/urbano e propõe abordagens que contemplem a dinâmica e a heterogeneidade na relação entre o rural e outros sistemas. Para a antropóloga, as mudanças (ou não) que vem ocorrendo no mundo rural devem ser analisadas sob a perspectiva dos agentes sociais, dos interesses em jogo e das representações sociais envolvidas na construção de identidades relacionadas a ruralidades.

Apesar de descartar a noção de rural enquanto mero espaço geográfico, pois este conceito carrega em si sistemas de valores e contradições que impossibilitam a análise do rural enquanto um fenômeno relacional e dinâmico, a noção de localidade, é descartada pela autora para a maioria dos casos, porém a mesma defende que a mesma noção serve para analisar o rural em casos em que a uma identidade ligada ao sentimento de pertencimento a um lugar em específico, o que se aplica bem ao caso da Matas. O sentimento de pertencimento a uma localidade “é informado pela memória coletiva herdada de gerações anteriores” (Carneiro, p.6, 1997).

Os marcos ou pontos de apoio dessa memória são os próprios componentes da paisagem: rios, morros, montanhas, árvores..., que persistem mesmo que transformados ou destruídos pela ação do homem. A memória coletiva informa também as mudanças adaptativas do grupo ao sugerir respostas aos novos estímulos ou obstáculos fundado na memória coletiva (idem)

Outra categoria que contempla a análise e explicação de formações coletivas na relação entre os elementos: cultura, natureza, território e economia, é a de povos e comunidades tradicionais.

No Brasil a categoria povos tradicionais se consolidaram devido a algumas situações, como aponta Paul Little (2004). A primeira seria as discussões no contexto de formulação da Convenção 169, sobretudo os debates relacionados aos direitos dos povos e sua autonomia territorial. O outro contexto está relacionado ao reconhecimento que os ambientalistas passaram ter sobre as coletividades que viviam em uma relação de proximidade com os recursos naturais, conferindo manejo sustentável a estes.

A articulação política desses povos em torno da garantia de seus interesses ou mesmo da garantia de suas existências e reprodução biofísica e sociocultural, (visto os vários casos em que tem os modos de vida afetados por empreendimento capitalistas), levantou discussões que culminaram em regulamentação jurídica, ganhando esses povos o status de sujeito de direito. O dispositivo jurídico que trata deste dos direitos desses povos é o Decreto nº 6.040/2007. Alguns estados e municípios reconhecendo a importância desses povos desenvolveram legislações próprias. O estado do Piauí tem a lei estadual nº 7.294 de 10 de dezembro de 2019.

No povoado Matas, várias atividades laborais são executadas pelos seus habitantes, como agricultura, extrativismo, caça e pesca, no entanto a atividade de pastoreio é a que mais exerce influência sobre a identidade territorial, em todas as dimensões: histórica, econômica, simbólica, política e ambiental.

Apesar de não se autodeclaram ou mesmo conhecerem a categoria de Fundo ou Fecho de Pasto, a formação social e econômica, as manifestações culturais e o modo de vida atual do povoado Matas, muito se assemelha a esta vertente de povos tradicionais. A caracterização de uma comunidade de Fecho de Pasto é descrita abaixo:

Agregam em seu modo secular de produção e de vida o uso de terras comunais, coletivas, chamados de “fecho” ou “gerais”, para criação de gado bovino e extrativismo de plantas medicinais e alimentícias. O elemento central do modo de vida tradicional e da organização do território são as áreas coletivas, “os fechos” (ACCFC 2017, p.20).

As comunidades que agregam ao seu modo de produção e reprodução da vida, o uso de terras coletivas, como já pontuado anteriormente, têm como principal fonte de renda a criação do gado bovino, mas também, a criação de animais de pequeno porte como: porco, galinha, cocá (galinha d'angola), pato, etc. A produção de alimentos é em sua maior parte orgânica e conta com uma grande diversidade (ACCFC 2017, p. 27).

Embora os moradores não estivessem familiarizados com a categoria “Fecho de Pasto”, aqueles com os quais conversamos compartilharam que a prática de criar gado da maneira descrita era comum nas áreas que chamam de “gerais”. Segundo os entrevistados, “os gerais” se referem as terras das serras onde o gado era solto antes da chegada do

agronegócio. Explicam também os “gerais” como “terra clara e que esfarela” em oposição ao tipo de solo que tem nos baixões da Matas, que é escuro e tem liga.

Formação do povoado Matas e a cultura do gado

A pecuária e a cultura do gado são marcas da história econômica e marcadores identitários do estado do Piauí. Tem também grande importância na gênese do povoado Matas, que de acordo com a explicação de alguns moradores, deriva de antigas fazendas de gado. Grande parcela dos atuais moradores são filhos e/ou netos dos antigos funcionários dessas fazendas (vaqueiros e vaqueiras). Além da criação de gado, que atravessa gerações, a criação de outros animais, como porcos e galinhas também era uma realidade, assim como acontece atualmente, com algumas mudanças na forma de criar.

No Piauí, o ciclo do gado foi um período em que a criação deste animal consistia na atividade econômica dominante, desenvolvimento que foi facilitado pelos subsídios do poder público² da época. Condições favoráveis, como a disponibilidade de terras, características do cerrado com boa pastagem, com abundância de recursos hídricos naturais, colocou o Piauí como um dos lugares mais procurados para a instalação e expansão de fazendas criatórias de gado. De acordo com Caio Prado Júnior (1987, p.66), “as fazendas do Piauí tornar-se-ão logo as mais importantes de todo o Nordeste, e a maior parte do gado consumido na Bahia provém delas”. O declínio desse ciclo no estado teve início no século XVIII, devido a uma combinação de fatores internos e externos, como evidencia Rufo e Sobrinho (2015).

Em decorrência das características internas de organização da atividade criatória, pois as grandes fazendas eram concentradas em grandes latifúndios e baseadas na exploração extensiva. Além disso, a desconexão entre as fazendas e a inexistência de centros urbanos consolidados no Piauí contribuiu para a crise, impedindo assim que o comércio fosse realizado dentro do território piauiense. Isto gerava grande dependência do Piauí aos grandes centros urbanos localizados fora dos seus limites, especialmente nos atuais Estados da Bahia e Pernambuco. Soma-se a tudo isso o caráter extensivo das atividades pecuárias, baseadas em pastagens naturais, sem cercas nas propriedades, o que fazia com que o gado vivesse solto (Sousa, 2008).

Houve também alguns condicionantes externos que contribuíram para a queda da atividade. A grande concorrência gaúcha no comércio de carne suplantou grande parte da freguesia piauiense em outros Estados. O Rio Grande do Sul

² Como por exemplo as 30 fazendas recebidas por Domingos Afonso Sertão e Fernando Dias D’Avila no Piauí e Bahia para “limpar” os respectivos territórios da presença indígena.

tinha como vantagens a modernização e as condições naturais mais favoráveis para a atividade pecuária (Alves, 2003). Outro fator para a crise da pecuária piauiense foi a decadência de alguns mercados, como o da Zona da Mata, onde o comércio de açúcar estava em queda devido à concorrência do açúcar produzido na Antilhas (Rufo e Sobrinho 2015 p 18-19).

A crise do ciclo do gado, no entanto, não significou a extinção completa e definitiva da atividade pecuária no sul do estado. A criação de gado agora, é em parte expressiva feita por pequenos criadores, como no caso das Matas e muitos outros agrupamentos sociais com configuração de comunidades rurais dos municípios do entorno.

Capistrano de Abreu (1907) foi um historiador cearense que defendeu a ideia de “civilização do couro” referindo -se a centralidade do gado em algumas sociedades nordestinas, entre estas, a piauiense. Na “civilização do couro” o gado forneceria elementos essenciais para a formação destas sociedades, como: vestimentas, culinária, gostos, costumes, padrões de comunicação etc.

Para o sociólogo piauiense Ferdinand Cavalcante Pereira a “matriz sócio cultural piauiense” era sim “majoritariamente na fazenda-criatório”, mas as condições de vida ou sobrevivência as quais estavam submetidos os vaqueiros, envolvia muita escassez e privações, o que teria se sequenciado para os seus descendentes. Como coloca “É discutível a afirmativa de que se desenvolveu no Piauí uma “civilização do couro” como desejava Capristiano de Abreu” (Pereira 2004, p. 74). A também socióloga que atua no Piauí, Dione Moraes corrobora com a ideia de que o termo ajudou a formar idealizações e representações genéricas sobre o sertão e os vaqueiros, escondendo em muitos dos casos, situações de escravidão sob simulacro da independência e amor à profissão.

Como colocado na introdução, o território Matas é composto por três datas de terra: Matas, Aldeia e Cachoeira, no entanto, iremos neste texto focar na data Matas, a qual possui atualmente o maior contingente de pessoas, formando um povoado. A constituição deste povoado por sua vez está intrinsecamente ligada a outras duas datas. Podemos afirmar que no passado (início do século XX), era na data que Cachoeira e Aldeia onde viviam os fazendeiros, donos de terra, e uma grande parte de suas fazendas concentravam-se onde hoje é o povoado Matas. Estas fazendas mantinham vários funcionários, em diversas atividades, grande maioria envolvida na criação de gado. O quadro atual é que as áreas de terras das datas Aldeia e Cachoeira se mantêm sob propriedade dos descendentes dos fazendeiros, em quase sua totalidade absenteísta. Na data Matas residem os descendentes dos funcionários dessas fazendas.

Abrimos aqui um parágrafo para explicar a questão fundiária. Conforme mencionado anteriormente, o território do povoado Matas se desdobra em várias subdivisões, cada uma delas com suas peculiaridades, porém carregando em comum um histórico ou interesse de seus moradores pela criação do gado e o passado ligado às antigas fazendas. Grande porção do que hoje é a data de Matas antes era a fazenda Matas, que pertenceu inicialmente a João Dourado e depois ao seu genro Nízio Dourado. Este último vendeu o “casco” (como chamam a terra sem as benfeitorias) aos seus trabalhadores. Os recursos para a aquisição dessa terra, foram angariados pelos próprios trabalhadores, pela prestação de serviço que prestavam como vaqueiro, que, conforme relatos, leva a entender que a remuneração era aquém do esforço e tempo depreendido para o cumprimento do grupo de funções, como é possível notar na fala de João Nilo: “Eu criava mas era para os meus senhores[...] Meu pai trabalhava em fazenda, ele matava, trabalhava um dia todo pra ganhar um quilo de carne pra não apartar dos filhos. Era gente aqui, que trocava um dia de serviço com outro”. Se considerado em contraste com as outras funções laborais das fazendas, os que se enquadram na profissão de vaqueiro foram os que tiveram mais condições para acumular e obter bens. Estes trabalhadores, ou seus descendentes, são atualmente as pessoas com condição financeira mais favorável nas Matas. Pode-se dizer que uma das fontes dessa condição era o pagamento que recebiam em bezerros, podendo assim formar os seus próprios rebanhos, que em muitos casos tomaram proporções favoráveis o suficiente para que adquirissem através da compra as terras que hoje usam ou ocupam. Regime de divisão em quarta comum no sertão do Brasil Diz João Nilo: “Os Vaqueiro ganhavam de cada quatro, um bezerro. Tinha uma fazenda que era de quatro e outra era de 5. Se macho um e quatro e fêmea de cinco”.

Vendia fiado pa nois porque nois não tinha condição de pagar. Naquele tempo trinta conto de réis! Demo primeiro quinze mil e ele (Nízio Dourado) pegou a outra parte no oto ano. Eu tinha uns vinte e poco gado. Nessa época pra fazer três contim de réis, o gado nem deu pa pagar. Aí tornei ser vaqueiro. Ficou faltando dois contos, no oto ano foi que paguei direitinho. A vida daqui era assim. Pagava ainda po mermo patrão que eu trabaia. Quando ele vendeu o gado, mudou pra Teresina, pegou o gado, vendeu. Ai um cara que era mais enfrentante, ele botou nas mãos de um só, pra tirar 100 hectares pra um e 50 pra outro, 20 pra outro, ai foi fazendo a divisão. Ficou só o casco da fazenda (terra sem gado) (João Nilo).

Tem grande importância neste trabalho a figura do vaqueiro, já que este goza de centralidade tanto na história como na vida cotidiana hodierna dos moradores das Matas. É uma atividade que era e é exercida por homens e mulheres, embora a montaria e a captura de animais no mato ser quase que exclusiva das pessoas de sexo masculino,

enquanto as mulheres desempenham outros tipos de tarefas relacionadas à criação de animais.

A obtenção de uma relativa independência financeira, com a posse de rebanho próprio, obtido a partir do regime de quinta, ou, de quarta (formas tradicionais de divisão de lucros com os proprietários de terra), não se deu de maneira uniforme entre todos os trabalhadores. Mesmo aqueles que já haviam alcançado esta independência ainda continuavam a enfrentar trabalhos árduos e mal remunerados na função de vaqueiros. Além das atividades corriqueiras de um vaqueiro, nos deparamos, através de relato de anciãos que exerciam esta função, atribuições que extrapolavam os limites da fazenda.

Dentre essas responsabilidades, uma em particular nos chamou bastante atenção, por não ter sido identificada, nesta terminologia, em nenhum estudo anterior que aborde o trabalho dos vaqueiros. Trata-se da função de “fura-moita” que era o profissional que pastoreava o gado fora das fazendas e principalmente pastoreava o gado em comitiva até outra cidade, ou estado, a pé, para finalizar a comercialização. Os entrevistados costumavam a dizer: antes da carreta, quem fazia o transporte da boiada era o fura-moita”. Na bibliografia analisada sobre este ponto (Bernardes 1995; Leite 2010; Leite e Furlan 2010; Curado 2013; Aurelio Neto 2013) não encontramos a existência deste termo, nos levando a crer que seja algo próprio do sul do Piauí. No entanto, encontramos equipes de transporte de gado, exercendo trabalho correlato, sendo chamadas de tropas, boiada ou comitiva.

Uma referência viva deste sobrecarregado labor é Luiz Pinheiro dos Santos, conhecido como Luiz do Ouro, é uma referência viva desta profissão. Luiz nasceu no vizinho povoado, chamado Ouro, por isso recebendo o cognome Luiz do Ouro, pois quando chegou nas Matas, no ano de 1972, havia um grande número de pessoas com o nome Luiz. Atualmente não “vaqueira” por causa da idade, se dedicando mais à lavoura e criação de pequenos animais. Afirmar gostar também de caçar e pescar, porém, afirmar que para a primeira atividade demanda muita destreza (o que tem pouco atualmente devido a idade) pois há as chances de se deparar com “feras” como onça e cascavel. Quanto a pesca, exige poucos esforços, porém, afirma que os peixes estão acabando desde os anos 70 quando se instalaram as plantações de soja nas serras. Por não ter conhecido o seu pai, Luiz do Ouro afirma que aprendeu a “vaqueirar” observando os outros vaqueiros. Ele evidencia que sua relação mais frequente com o gado não se deu no papel de vaqueiro, mas sim como fura-moita deixando claro a diferenciação: “Vaqueiro dá

conta da fazenda, era só pra trabalhar na fazenda e o fura-moita era só pra viajar com a boiada” e nos conta mais detalhes como era este trabalho:

De tocar boi no mundo. Botava o gado aí na estrada. Entrava no mato e passava 23 dias pra chegar em Floriano. Fura moita é o que conhece a estrada. Chamava estrada boiadeiro. Era cento e tantos gados, duzentos... Ia uns 9 companheiros. Voltava sem nada, só com um saco nas costas, com a rede e a roupa. Nesse tempo chamava cachorra, pegava um saco amarrava no fundo e metia no ombro. Era saco de pano, daqueles de colocar açúcar, num tinha um saco chamado valença?! Chegava cansado! Tinha negócio de descansar não. Chegou hoje, amanhã já tinha que trabalhar. (Luiz do Ouro).

A fazenda Matas e outras existente no território neste período, no “tempo dos barões”, no tempo dos fura-moita, destinavam maior parte da criação para venda. Os compradores eram do estado do Piauí, Pernambuco e Paraíba. Este trabalho revela também um enorme contraste econômico entre os fazendeiros e os prestadores de serviço que nada recebiam.

Outras peculiaridades sobre o trabalho dos vaqueiros e fura-moita, são detalhados no texto abaixo transcrito da entrevista com o vaqueiro João Nilo:

Tocava uma boiada de pé. O caba que tocava o boi chamava Fura Moita. A capa dele era de imbira de buriti. Aí ia no brejo de buriti e tirava aquelas imbiras, aí dobrava aquele monte de paia e vestia e caia nas moitas tocando boi. Uns cento e cinquenta bois, de dez a vinte fura moita... Floriano, Teresina, Campo Maior, Arcoverde no PE. Passava 40 dias pra chegar lá. A média do boi parar é 5 horas da tarde. Aí você faz aquele recanto e deita o boi. Aí tem o horário certo dele levantar... tinha naquele tempo, 5 da manhã! Aí o fura moita dava de comer ao boi, tinha capim na estrada, tinha aquele lugar certo de botar pra comer. C: Lugar de gente conhecida? JN: num era como hoje não, dona. Era devoluta o mundão! C:comiam o que? JN: Tinham o arrieiro, que sobe sempre na frente, pra quando o fura moita chegar, a boia está pronta. Vai no jumento, com dois burros, com as cargas de carne, comida, panela... aí faz o quebra jejum, aí tem uma sacola que Fura Moita come o dia todim, aquela carne veia engordurada... quando acaba a arriação, pega um boi e mata e segue pra frente. Voltava de pé e era sem ganhar dinheiro. Era gente daqui, meu pai mesmo levou muito mas meu pai ia de encarregado. Fura moita ia de pé, de currulepo! Naquele tempo num tinha esses chinelos não, era chinelim de pneu de carro, de trem, eles tocavam o mundo tudim. C: Então o vaqueiro vocês chamam aqui de fura moita? Não, vaqueiro era da fazenda [...] O fura moita é o que leva pra fora (João Nilo).

No trecho abaixo Luiz do Ouro detalha sobre as atribuições de cada membro da tropa.

Aí tinha uma pessoa que tocava o berrante, era o guieiro, com três cabeceira, dum lado e do outro. Quem ia mais na frente era o arrieiro, quando chegava de noite já estava com a comida feita. O guieiro o gado não saia da estrada, o gado tinha que acompanhar ele. Atrás dos guieiros de lado assim era os esteiras, que era os cabeceiras, vamos dizer que o guieiro ia aqui, aí ia um cabeceiro de um

lado e outro aqui e passava a estrada aqui, aí lá na frente lá atrás dos outros, tinha os esteiras, que fazia a esteira do gado. Mais atrás tinha os que ficava no fundo do gado, os fundeiros. Arrieiro, guieiro, cabiceiro e os esteira. Os cabiceiros é bem no mei os cabiceiro no lado e o esteira no mei. Eram dois esteira, um no lado e outro notro. E três no fundo (fundeiro, que acompanha o gado). E o último é o passador, ou, contador, é o que conta o o gado, conta duas três vez. O arrieiro ia na frente pra quando os fura muita chegar a comida já está pronta. O guieiro ia tocando o berrante. Os cabeceiras ia de pareia com o guieiro e os esteiras mas atrás e o fundeiro, no fundo do gado, pra num deixar gado pra tras e o passador só pra contar gado. Era o único que ia montado. Fica mais alto pra contar o gado (Luiz do Ouro, 2020).

Enquanto Luiz do Ouro, aprendeu sozinho através da observação a executar a atribuições laborais de um vaqueiro, Luiz Pereira mais conhecido Luiz Vaqueiro, foi influenciado por tradição familiar, teve pai e mãe vaqueiros. Luiz conta que nasceu na fazenda onde os pais trabalhavam e os acompanhou com muito entusiasmo na lida com o gado, se interessando voluntariamente e recebendo treinamento desde criança.

Quando eu nasci meu pai já era vaqueiro. Ele passou 33 anos na mesma fazenda. Eu nasci, me casei, me criei nessa fazenda, aí morreu e eu fiquei na fazenda sendo vaqueiro. Aí com um tempo o patrão foi se quebrando, entrou no banco, se quebrou um pouco aí saímos da fazenda. Ele se chamava Ti Quintino, nem era parente da gente, aquele tempo de antigamente os pais ensinavam a chamar de tio. Sai de lá tinha em média 30 anos, já tinha casado aí de lá pra cá vaquerei em pouca fazenda, só 4 fazendas, porque eu aturo muito em fazenda. Estou com 15 anos nessa [...] Já tenho fama, é o vaqueiro da região. Talvez seja o melhor, não estou me gabando mas é a boca do povo. Vez enquanto eu recebo convite. Mas eu sou empregado e sou só.

Se a vaca tiver parindo e não der conta de parir, eu sou o fazedor de parto aqui na região. Parteiro de vaca! Já fiz muito parto. O povo vem é me buscar aqui. Sou novo, mas aprendi com minha mãe e meu pai que eles eram vaqueiros (Luiz Vaqueiro).

Realizando trabalhos de parto, engorda, pega e criação dos animais, Luiz é atualmente a referência de vaqueiro na região. Afirma nunca ter outra profissão voluntariamente que não envolvesse ruminantes.

O aboio de gado, é um canto de trabalho usado por vaqueiros, consistindo principalmente em uma comunicação entre vaqueiros e rebanhos. Encontrar um aboiador torna-se cada vez mais raro, devido as mudanças e as tecnológicas inseridas na lida. Nesta arte sonora, Luiz Vaqueiro é também o último aboiador da região. “Quando chego na roça, dou um aboio, aí eles (gado) vêm tudinho né, ai depois começa chamar fulano, sicrano, o nome dela né. Com aboio, quando eles escutam, eles podem tá longe, pode estar ali dentro que eles chegam tudinho. Não fica um lá vem tudim pra perto do cocho, eles me conhecem” (Luiz Vaqueiro).

Existem dois tipos de aboios comumente entoado no nordeste brasileiro³:

ABOIO- DE- ROÇA: trabalhos domésticos realizados em mutirões, acompanhado de cânticos entoados pelos trabalhadores. O "tirador" é o que canta primeiro, uma outra pessoa responde, é o respondente. O aboio de roça é um dueto e o de gado é homófono. O aboio de roça é uma forma de canto de trabalho, tem letra e é em dueto.

ABOIO- DE- GADO: serve para orientar o gado na caatinga, na estrada, não tem letras, aqui, há porém, o canto de uma quadra e a seguir o canto de uma sílaba, longo, triste. É canto solo, cantado livremente, essencialmente homófono, praticado pelo vaqueiro do Norte e do Nordeste. São geralmente cantos silábicos, sem letras, embora algumas vezes cheguem a formar uma quadra, que termina com o canto de uma sílaba, longo e melancólico. As melodias do aboio-de-gado são lentas e improvisadas, livres de uma medida rítmica determinada. O canto é entoado numa linha melódica também livre, conforme a fantasia do vaqueiro.



Foto 1: Luiz Vaqueiro. Fonte: autora, 2020.

O fluxo econômico baseado na comercialização de animais para alimentação humana, entre outras finalidades, influenciou e continua influenciando nitidamente em diferentes aspectos da vida dos moradores do povoado Matas. A cultura do gado teve influências na culinária, na indumentária, nos gostos musicais, na cultura material, nos momentos de lazer e nas brincadeiras de criança.

Na cozinha, é notável a prevalência da carne em diferentes receitas, dentre os vegetais e cereais que são em parte cultivados internamente.

Músicas que retratam em suas letras a vida de vaqueiros são aclamadas no repertório sonoro no povoado, antes e hoje. São muito lembradas as festas de antigamente nas quais “todo mundo ia montado em seu animal”, como conta João Nilo.

³ Disponível em: <http://professoramarly.wordpress.com/2007/08/19/canticos-e-crendices/>

Muitos artefatos eram confeccionados “Do couro fazia sola, bainha de facão, fazia sela, perneira, chinelos” (João Nilo). Esta produção tem diminuído, sobretudo depois da morte dos membros da família (que migraram do Ceará para lá, na seca de 1932) que detinham o conhecimento.



Foto 2: Vestimenta de Luiz Vaqueiro. Fonte: autora.

Além do uso da carne e da pele o chifre do boi também passava por um preparo para ganhar uma diferente funcionalidade. Do chifre do boi fazia-se um isqueiro chamado localmente de bingo ou papa fogo⁴. O modo de fazer é o seguinte:

Tinha uns que pegavam um taquinho de ferro, cortava assim, triturava, cortava a polpa do chifre, aí fazia aquela pedra, tocava que dava fogo, aí caía faísca de fogo no algodão. Era uma fumaça cheirosa! (João Nilo).

...Aí o povo serra o chifre, depois de morto, corta assim... pega o algodão e bota dentro do cone do chifre do boi. Aí pega um facão e caça essas pedras de fogo, acende com a pedra de fogo porque antes não tinha isqueiro, bate na pedra aí a faísca desce pra cá, na hora que a faísca desce pro algodão pega fogo. C: Como chamavam? G: Papa-fogo ou bingo (Gildásio Labreda).

Os chifres do gado também eram aproveitados confecção pentes e cabos de faca. Conforme explicado por João Nilo, “Pra fazer cabo de faca de facão. Fazia pente pra pentear cabelo. Imprensava o chifre e metia o serrote nele”.

As brincadeiras de crianças “de antigamente”, como frequentemente mencionam os moradores, além de imitar em muitos momentos a vida nas fazendas, também usava partes do boi para montagem dos brinquedos.

⁴ Este tem sido atualmente substituído pelo isqueiro produzido industrialmente e que é comercializado localmente.

C: Quando você era criança, gostava de brincar de que? De vaquinha de osso, de couro de vaca, unha de vaca. Tem as duas unhas. Aí cozinhava e largava. Aí tinha um cumpade meu, aí fazia uns curralim lá e ia brincar. Tinha uma fruta por nome jatobá... Toda vida eu fui incutido por gado, cê acredita. O jatobá cai e fazia os chifres. (João Nilo).

A cerca não apenas impede a mistura de animais de diferentes donos, mas evita também que os animais cheguem a “bagunçar” as plantações, evitando assim conflitos entre vizinhos, evita que animais de diferentes espécies se estranhem e também impede dos ruminantes se intoxicarem com plantas que tem impactos as vezes fatais na saúde desses animais: exemplo a fruta do tamboril tem efeito abortivo para vaca; para o boi, esta tem o efeito de inchar testículos, orelhas e fechamento da glote o levando à morte. Outros exemplos é a manga que é laxativa; o vaquetão ou vaqueta da caatinga e o barbatimão são tóxicos para os bovinos. O fruto da cagaita deixa o gado “incutido”⁵, “ele não se interessa nem por tomar água, fica o tempo todo embaixo do pé de cagaita esperando o fruto cair”. Mesmo o capim de pastagem pode ser prejudicial se tiver deficiência nutricional. Nessas situações o capim braquiária pode ser fatal para bezerros ou criar uma doença intestinal no gado adulto.

Organização territorial, mudanças e continuidades

No tópico anterior tratamos da influência da pecuária na vida dos moradores da Matas em seus aspectos mais memorialista e de patrimônio cultural. Neste tópico o interesse recai sobre a forma como os moradores organizam o espaço comum, familiar e individual, com base no uso dos recursos territoriais, principalmente no que se refere a criação do gado. Na sequência abordaremos algumas mudanças no modo de vida e na organização do trabalho, decorrentes das novas configurações econômicas e produtivas, com a chegada do agronegócio, através da monocultura de soja e sorgo nas áreas de terras no entorno do território Matas, como também a chegada recursos tecnológicos e facilidades de mobilidade espacial.

Uma primeira informação é que o território é formado por uma malha de parentesco. Não obtivemos um consenso sobre qual seria o casal fundador, como é comum em comunidades rurais, pois os entrevistados informaram que a memória não alcança, os que foram lembrados foi o Casal Leopoldo Vieira e Luiza de Souza, avós de

⁵ Viciado

João Nilo, que teriam vindo do oeste da Bahia em um período de estiagem no final do século XIX.

Atualmente os sobrenomes recorrentes são: Vieira (o mais numeroso), Nunes, Sena, Queiroz, Neres e Nery, Rodrigues, Moreira, Silva, Nazário, Ribeiro, Alves, Ferreira, Carvalho, Lustosa, Labareda e Dourado.

Estes troncos familiares, encontram-se inter cruzados, através de alianças matrimoniais e compadrio, formando uma rede de parentesco.

A área total do povoado Matas é composta por quinze localidades. São elas: Rua Principal- povoado/Matas Novas, Bairro Nazários, São José, Bairro Santa Clara (Pezão), Baixão, Barreiro Preto, Mata Velha, Salobro, Picos, Riacho Fundo, Pindaíba, Malhadinha, Sossego e Podói. Dessas, apenas a localidade Nazário não se cria gado, devido ao tamanho limitado das parcelas de terra, embora os moradores expressem grande interesse nesta atividade. Essa localidade possui uma história fundiária distinta das demais, sendo adquirida através de compra por Marciano Nazário, que foi funcionário de uma fazenda que ali existia. Marciano constituiu uma família numerosa, criando uma densidade populacional nesta localidade.

Nas outras localidades rurais, prevalece a destinação de maior parcela da terra para criação de gado, seja na construção de currais, ou no cultivo de espécies vegetais que servirão de alimento para estes animais, como o milho e a mandioca. Além disso, áreas de pasto nativo, são preservadas, pois, segundo os moradores, isso contribuiu para a melhoria da qualidade do leite, tornando possível até mesmo a produção requeijão. Os lugares onde tem os melhores pasto natural (que os moradores chamam de áreas de refrigério) é no Redondão, Barreiro Preto, Segredo e Matas Velha.

Estas localidades, que se encontram na área mais natural do território, eram até o início dos anos 90 a região mais densamente ocupada. A partir de então, com o loteamento da área conhecida como Matas Nova, a viabilização de infra-estrutura básica, como: asfaltamento, eletrificação, perfuração de poços artesianos, canalização hídrica. A reforma da escola (construída em 1949) e a instalação de um posto de saúde também foram decisivos para a migração da maioria dos moradores da Matas Velha para a Matas Nova. Mais recentemente a chegada da internet, acentuou este processo.

Alguns estudiosos que se dedicam aos estudos das ruralidades, mesmo rompendo com as ideias de dicotomia e *continuum*, sugerem a importância de se entender a relação entre a cidade e o rural, para entender como uma influência no dinamismo da outra. Os

municípios que compõe a região estudada, possuem uma infra-estrutura urbana precária. São municípios no qual a maior parte da população reside em áreas rurais.

Tratando brevemente das interações comerciais dos moradores do povoado Matas com os núcleos citadinos, houve, nos anos 90, houve uma fase de garimpo de diamantes, consistindo em um curto ciclo econômico na região. Segundo os moradores, este período foi um dos mais favorável para a agricultura nas Matas, pois aumentou a viabilidade de comercialização de suas produções nas feiras que aconteciam nas sedes dos municípios aos fins de semana.

Quanto a relação e as interferências da inserção de grandes extensões de terra para o cultivo de grãos, em grande parcela do solo do município, sobretudo, as áreas imediatamente vizinhas ao território Matas, pode-se dizer que ocasionou em algumas mudanças.

Devido em grande medida a diversas facilidades e vantagens oferecidas pelos governos estaduais, em alinhamento a políticas federais de cunho neoliberal, houve a partir dos anos 70 a instalação de fazendas de caráter latifundiário para o cultivo de grãos de soja. Ainda nesta década, houve uma transição do PIB local, que tinha até então como principal atividade produtiva a pecuária, para a agricultura mecanizada.

A maioria dessas empresas tinham origem nos estados do sul do país. São conhecidos localmente como “gaúchos”, embora sejam quase todos do Paraná, como notou a antropóloga May Waddington em pesquisa sobre as transformações nos sistemas agrícolas tradicionais ocasionadas pela chegada destes empreendimentos no sul do Piauí.

Os novos gaúchos que chegaram, capitalizados e capacitados, ocupam aqui a ponta de uma cadeia de produção internacional. No centro do sistema, visando o controle da cadeia produtiva, megaempresas constroem esmagadoras e armazéns, e fornecem sementes, insumos e agrotóxicos aos produtores, de forma a financiar boa parte da operação, cujo pagamento recebem em grãos que esmagam localmente para a fabricação de óleo e farelo. Dessa forma, a autonomia dos “gaúchos”, fazendeiros empresariais, é cada vez mais relativa e dependente de um sistema mundial no qual competem empresas nacionais e estrangeiras de grande porte. (Waddington p. 2013, p 256).

Vamos apontar agora algumas mudanças ocasionadas pela instalação de fazendas de soja no entorno do território Matas. A primeira se refere a mão de obra disponíveis para a realização dos “trabalhos da roça”. Com a chegadas das empresas muitos postos de trabalhos, como: pedreiro, segurança, cozinheiro, operador de maquinas, motorista entre outros, foram disponibilizados e ocupados pelos moradores das comunidades rurais vizinhas, incluindo a Matas. Os postos de trabalho foram ocupados predominantemente

por homens jovens e adultos. Um dos efeitos desta “fuga” de mão-de-obra, foi a diminuição das atividades agrícolas e maior dedicação de tempo, energia e recursos a pecuária, já que a primeira demanda mais mão de obra do que a segunda. Outro efeito foi a queda foi a desvalorização e o desinteresse dos mais jovens, pelo o ofício do vaqueiro, que é tão valorizado pelas pessoas de mais idade.

O vaqueiro ta ficando muito pouco na nossa região, depois das fazendas o povo só quer mexer com salário. Aí tão largando as fazendas. Hoje em dia as fazendas só é para os vaqueiros que gosta, que nem eu. Eu não largo. Só largo quando eu morrer, eu gosto demais do gado, me dou com o gado, eu tenho que ta montando, andando com o gado, gosto muito de mexer com gado. Meus filhos não quiseram acompanhar né, aí eles são operador. Trabalham nos projetos (Luiz Vaqueiro).

Outra mudança, foi na forma de criar o gado e de forma mais distante uma mudança na raça a ser criada. Antes da introdução do plantio de soja nas serras, as comunidades locais tinham o hábito de deixar seus rebanhos soltos na maior parte do tempo, praticando a criação na “solta”. De acordo com os entrevistados, o gado prefere essas áreas devido à maior mobilidade e à ausência de áreas alagadas, comuns nos vales.

No entanto, com a instalação das fazendas nas terras devolutas das serras, os pecuaristas foram proibidos de permitir que seus rebanhos vagassem livremente, sob a justificativa do potencial de causar estragos nas plantações. Um efeito desta interdição, foi o desmatamento de áreas do vale para a criação do gado. Ligado a isto, erigiu-se cercas e currais de forma a concentrar o gado de propriedade de uma dada família, evitando que se misturassem ou mesmo invadissem as roças.

A partir dos anos 2000, com a disponibilidade de créditos fundiários, houve uma mudança gradual na raça de gado criado. Substitui-se o gado de raça curraleiro pé-duro pelo gado de raça nelore e holandês pois estes, além de mais adaptáveis aos condicionamentos das cercas, também apresentavam vantagem na engorda e reprodução.

Por último, mudanças que não estão diretamente ligadas a pecuária, mas que tem reflexos sobre esta prática. Estas mudanças são de ordem ambiental e tem afetado a qualidade dos recursos naturais nos baixões.

A perda de fertilidade do solo e da diversidade da fauna silvestre é outra consequência apontada como resultado dos longos anos de desmatamento para agricultura mecanizada, que tem ainda como efeito o assoreamento dos rios e morte das nascentes, além da contaminação da água pelo “veneno que desce das serras”. O somatório desses fatores tem afetado drasticamente a agricultura nos baixões, além do escasseamento dos animais de caça e a diminuição das populações de peixes.

Sobre a diminuição das águas, Luís do Ouro, lamenta:

Tem muita coisa que tenho saudade que tá acabando. Quando eu cheguei, só a água desse mateiro era água dos dois rios. Agora num tem nem a água de um só. Quando eu cheguei em 72 era uma passagem confinada... tá secando![...] O pessoal não tá mais trabalhando de roça. Esse negócio de projeto tá só acabando a cabeceira dos brejos, dos rios. Nesse tempo antes o povo tava tudo plantando arroz, plantando milho, plantando mandioca e hoje em dia a gente quase não vê mais, só os projetos... As coisas vão acabando devagarzinho... vão acabando, acabando, até eliminar mesmo! (Luís do Ouro).

Um efeito da contaminação da água e do solo, é a diminuição das alternativas de fonte de obtenção de proteína de origem animal, como o peixe, o que tem justificado o reforço da pecuária no território Matas.

Como demonstrado nos parágrafos anteriores, existe um encadeamento de causas e efeitos decorrentes da coexistência com modalidades agrícolas baseadas em lógicas de produção distinta à agricultura tradicional como ocorria no povoado Matas.

Algumas mudanças podem ser vistas por seus aspectos negativos ou positivos, como, o abandono das roças pelos jovens para trabalhar nas fazendas. Se por um lado afeta a agricultura tradicional e a continuidade da cultura do vaqueiro, por outro, fornece possibilidade de renda em lugares relativamente próximos aos lugares de origem dos trabalhadores, evitando que estes migrem para lugares mais distantes, como Brasília, Palmas ou Goiânia, como acontecia tempos antes.

Outro ponto a ressaltar quanto as constatações apresentadas, é que todas as mudanças citadas, levaram ao desenvolvimento da pecuária no território. No mesmo sentido, podemos afirmar também que é a pecuária enquanto atividade produtiva tem grande peso na garantia da reprodução física e social como também de um modo de vida rural, no território e povoado Matas.

Considerações Finais

Neste resultado de pesquisa, foi analisado a organização territorial e as mudanças de modo de vida no povoado Matas, no qual foi abordado a complexidade das relações entre moradores, o espaço e as atividades econômicas. A formação de uma malha de parentesco sólida ao longo do tempo demonstra a importância das relações sociais na construção da identidade local. No entanto, a chegada do agronegócio e a expansão da monocultura em áreas circunvizinha é emerge como um fator alterações no povoado. A introdução de uma economia regida por lógica distinta, proporcionou a criação de empregos, contudo, esta

mudança teve contrapartida a migração de mão de obra para os novos postos de trabalho nas fazendas de grãos, impactando diretamente as atividades agrícolas e a pecuária do povoado, resultando em mudanças na forma de criação de animais, como na composição genética dos rebanhos. Além disso, as alterações ambientais decorrentes da expansão agrícola têm impactado negativamente os recursos naturais da região, afetando, além da qualidade de solo e o volume de água das fontes hídricas naturais, a disponibilidade de outras fontes de proteína animal, como caça e pesca.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. *Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo*. Rio de Janeiro. IPEA, 2000.

ACCFC- Associação dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente. *Comunidades Tradicionais de Fechos de Pastos e seu modo próprio de convivência e manejo da sociobiodiversidade do cerrado: história, direitos e desafios – Correntina-Bahia*. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). 1ª edição, 2017.

CARMO BERNARDES. O gado e as larguezas dos Gerais. *Estudos avançados* 9 (23), 1995.

CARNEIRO, Maria José. *Ruralidade: novas identidades em construção*. Agricultura, no.11, out. 1998.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Anuário Antropológico/2002-2003*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004: 251-290.

MORAES, Maria Dione Carvalho. *Trilhas e enredos no imaginário social de sertão no Piauí*. Carta Cepro. v.24, n. 1, 2007.

RIBEIRO, May Waddington Telles O processo de territorialização de gerações de agricultores de baixão, no Piauí. *Revista R u r i s*. v o l u m e 7, n ú m e r o 1. 2 0 1 3.

RUFO & SOBRINHO. O processo histórico de formação territorial do estado do Piauí e as transformações recentes na mesorregião do sudoeste. *Revista: Espaço & Geografia*, Vol. 18, No 1. 2015.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. 35ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEREIRA, Ferdinand Cavalcante. *A sustentabilidade da agricultura familiar no Vale do Gurgueia-PI: construção de novas identidades socioprofissionais*. Tese de Doutorado: Porto Alegre. 2014.